

# Crise atrapalha férias

## Turista em Miami sofre à distância com câmbio livre

MARIO ANDRADA E SILVA

Correspondente

MIAMI – Dois setores da economia brasileira sempre em contato com o exterior foram imediatamente afetados pela desvalorização efetiva do real. Tanto os turistas pegos de surpresa no meio de uma gastança em Miami e Orlando, quanto os representantes de empresas aéreas que transportam estes turistas ao exterior, estão vendo um céu repleto de turbulências no futuro imediato da economia brasileira.

Os turistas que já estão na Flórida, paraíso de férias e *compódro* predileto de pelo menos 300 mil brasileiros todos os anos, fizeram uma rápida mudança nos hábitos enquanto esperam chegar ao Brasil para finalizar a contabilidade das contas de despesas em dólares versus pagamentos em reais. “Não estou usando mais o cartão

de crédito. Não quero chegar no Brasil para ter uma surpresa desagradável”, diz uma turista brasileira, que sai da loja Victor’s, em Miami. “Tive um grupo de turistas, 45 adolescentes de Goiânia, que saiu comprando como se nada estivesse acontecendo no Brasil”, diz Ronald Ambar, presidente da Discovery Tours and Travel, operadora turística de Orlando. “Estes clientes são atípicos. São adolescentes e devem ter trazido dinheiro vivo para torrar. Não sentimos ainda queda nas reservas de carnaval porque as pessoas já tinham programado viagens para esta época. O mercado está mais preocupado com as férias de julho, a altíssima temporada daqui. No ano passado fomos prejudicados pela Copa e agora tudo indica que seremos prejudicados pelos problemas do real. Hoje (ontem) por exemplo, não consegui receber nenhuma remessa do Brasil. Sem este dinheiro, a vida aqui, no mercado de turismo, fica paralisada”, explica Ambar.

**Bilhetes** – Para os profissionais de empresas de aviação o pro-

blema dos turistas é apenas metade da equação com cara de crise. “Em um primeiro momento não devemos sentir uma queda nas reservas internacionais, porque as pessoas que estão viajando já compraram bilhetes ou então já tinham viagens planejadas”, diz Flávio Carvalho, representante da Transbrasil na cidade norte-americana. “O outro lado nos preocupa muito mais. Nós pagamos o leasing dos aviões, o combustível e todas as peças de reposição em dólares. Por isso, acredito que o governo vai completar o processo de ajuste que está sendo feito na economia, com algum tipo de redução do custo Brasil. Nenhuma empresa aérea tem condições de arcar com um aumento explosivo dos custos e ao mesmo tempo com uma potencial queda no volume de passageiros”, diz Carvalho enfatizando a necessidade de uma ajuda governamental, já que as empresas brasileiras enfrentam uma concorrência cada vez mais forte das empresas norte-americanas nas rotas da América Latina.